
A indústria de pedra lascada do Monte da Foz 1 (Benavente, Portugal): contribuição para o conhecimento do talhe da pedra na segunda metade do V milénio a.C.

CÉSAR NEVES*

Com efeito, a análise do talhe da pedra é tradicionalmente relegada para os estudos paleolíticos e mesolíticos, o que, por consequência, lhe tem conferido o estatuto de parente pobre da investigação dedicada às realidades da Pré-História mais recente.

António F. Carvalho, 2008, p. 167

R E S U M O

Apresentam-se, numa perspectiva descritiva, os principais resultados da análise técnico-tipológica realizada sobre os artefactos de pedra lascada da ocupação do Neolítico Antigo do Monte da Foz 1. Trata-se de um conjunto artefactual onde predomina o recurso a uma estratégia de talhe expedito para a obtenção de lascas sob matérias-primas, essencialmente, locais (quartzito e quartzo). Embora com menor peso contabilístico, observou-se a presença de uma indústria lamelar e laminar em sílex para a produção de produtos alongados e utensílios. O presente texto pretende, igualmente, contribuir para o conhecimento acerca do talhe da pedra nas fases finais do Neolítico Antigo no actual território português.

A B S T R A C T

The aim of this text is to present the flaked industry of Early Neolithic habitat of Monte da Foz 1 (Benavente, Portugal). This industry main goal was the production of a macro industry of flakes and borers, using local raw materials (quartzite and quartz). With a lower weight of presences, it was, also, possible to observe the existence of a flint laminary industry, which brought out an interesting number of blades, bladelets and geometric armatures represented by segments and trapezes. This study allows to contribute for the understanding of the lithic production during the late phases of the Early Neolithic, in transition to the Middle Neolithic.

0. Nota prévia

A dificuldade em se definir uma normalização dos procedimentos metodológicos e teóricos de análise das indústrias de pedra lascada da Pré-História recente, tem contribuído para uma dispersão de estudos artefactuais orientados segundo “... as opções particulares dos investigadores, que resultam tanto da sua formação específica como dos seus objectos de estudo...” (Carvalho, 2008, p. 179). Esta situação, que também se verifica nos estudos dos artefactos em cerâmica para a temática específica do Neolítico Antigo, cria dificuldades de análises comparativas e de compreensão a uma escala global e supra-regional.

A caracterização tecno-tipológica da indústria da pedra lascada do Monte da Foz 1, pretende proporcionar um conjunto de dados e leituras que podem contribuir, não só, para o conhecimento dos comportamentos socio-económicos dos grupos humanos no decorrer do processo de neolitização, mas também para a necessária regularização dos métodos de estudo e respectivas terminologias artefactuais iniciada por António Faustino Carvalho (1998b) e Mariana Diniz (2007).

A análise e descrição da indústria de pedra lascada do Monte da Foz 1 que aqui se apresenta, seguiram, de forma genérica e adaptada ao conjunto, os critérios propostos por Tixier, Inizan & Roche (1980), João Zilhão (1997), António F. Carvalho (1998b, 2008) e Mariana Diniz (2007).

Para o conjunto do Monte da Foz 1, foi elaborada uma ficha descritiva, onde se inventariaram e descreveram todos os artefactos líticos, independentemente da sua funcionalidade. A ficha descritiva, bem como os correspondentes critérios de preenchimento, são adaptados de Mariana Diniz (2007).

Desenharam-se algumas peças que ilustrassem a realidade do conjunto, principalmente ao nível da utensilagem do material debitado. A sua realização obedeceu às normas “francesas”, relativamente ao desenvolvimento das vistas (Sousa, 1999, p. 38).

Reconhecem-se, no entanto, algumas limitações do ponto de vista da análise tecnológica, visto que não foram produzidos estudos petrográficos, ensaios de remontagem, análises traceológicas e de talhe experimental.

1. Introdução: o sítio e um breve enquadramento crono-cultural

No decorrer da construção da Auto-Estrada A10, foi realizada uma intervenção arqueológica no sítio arqueológico Monte da Foz 1 que se localiza na margem esquerda do Baixo Rio Tejo, no actual concelho de Benavente (Fig. 1).

Uma das diversas fases da intervenção, que consistiu na escavação arqueológica de cinco sondagens de 2 x 2 m, permitiu a observação de um nível de ocupação preservado. O estudo integral dos dados arqueológicos provenientes desse nível arqueológico permitiriam enquadrá-lo, crono-culturalmente, na dinâmica evolutiva decorrente do processo de neolitização no actual território português (Neves, 2010)¹.

Em virtude de não se ter recuperado qualquer elemento orgânico que permitisse a realização de datações absolutas, a aferição cronológica passou por uma análise tecno-tipológica da cultura material do sítio, bem como pela caracterização da tipologia funcional e estratégia de ocupação.

A ocupação do Monte da Foz 1 parece integrar-se numa tipologia de sítios, culturalmente relacionados com as etapas iniciais do processo de neolitização, mais comum no actual território português, o de estabelecimentos temporários de curta duração.

O espaço correspondente à margem esquerda do Baixo Tejo, pelas vastas planícies aluvionares que a caracterizam, está desprovido de elementos naturais que se constituem como marcos na paisagem, como ocorre, por exemplo, no Alentejo interior com os afloramentos graníticos. Desta forma, à semelhança de grande parte dos contextos crono-culturalmente paralelos, o espaço onde foi implantada a ocupação do Monte da Foz 1 caracteriza-se como uma área aberta, plana, sobre um substrato arenoso, a baixa altitude e sem quaisquer condições naturais de defesa.

Ao nível de recursos naturais, a ocupação terá tido em conta a grande proximidade com as ribeiras do Sorraia e Almansor, afluentes de um curso principal, o Tejo, também ele, à data da ocupação, muito próximo do sítio arqueológico.

O ambiente fluvial distinto do actual, resultante das alterações paisagísticas e oscilações climáticas que a região sofreu desde do Plistocénico superior, tem consequências ao nível da diversidade dos recursos existentes. O regime estuarino que ocorreu, no baixo Tejo e no final do curso dos seus afluentes proporcionaria a existência de uma diversidade de recursos alimentares passíveis de ser adquiridos, sem grande esforço, através de práticas de recolção e pesca. Com segurança, é de crer que esta situação terá sido determinante na implantação deste habitat. No entanto, a riqueza económica proveniente deste meio contrastava com a fraca aptidão dos solos (com alto teor de salinidade) para as práticas agrícolas. Neste aspecto, a limitação dos solos parece ser um retrocesso face às dinâmicas esperadas para as primeiras fases do Neolítico. Mas, a tipologia funcional da ocupação deverá justificar esta situação, onde a agricultura, poderá não ter sido uma actividade primordial na “balança económica” do grupo.

Desta forma, a ocupação que ocorre nas margens destes cursos de água terá tido em conta os recursos aquáticos daí provenientes mas, também, as condições de mobilidade que as comunidades aí estacionadas podiam explorar.

O Tejo e seus afluentes, bem como as vastas planícies que rodeavam a ocupação do Monte da Foz 1, permitiam aos grupos humanos que aí habitavam, um ritmo de mobilidade sem grandes condicionamentos geográficos, possibilitando a deslocação até territórios e contextos geológicos distintos (Estremadura e Alentejo interior, onde haveria melhores condições para a prática da pastorícia e agricultura, respectivamente), numa necessária complementaridade que o modelo social, cultural e económico do processo de neolitização, gradualmente, impunha.

Ao nível da cultura material, a presença maioritária de cerâmica lisa, o peso significativo de recipientes cerâmicos decorados com uma linha incisa abaixo do bordo, o recurso a uma estratégia de talhe expedito para a obtenção de lascas sob matérias-primas, essencialmente, locais, a existência de uma indústria lamelar e laminar em sílex para a produção de produtos alongados e utensílios, aliada a uma estratégia de ocupação de curta e efémera duração, enquadra, crono-culturalmente, o Monte da Foz 1 numa fase evoluída do Neolítico Antigo, em transição para o Neolítico Médio. Tendo



Fig. 1 O sítio do Monte da Foz 1 na Península Ibérica (base cartográfica: Gonçalves, 1989 - adaptado).

em conta as datações disponíveis para este momento e observando os sítios culturalmente paralelos localizados em distintos espaços regionais como o Maciço Calcário Estremenho, Península de Lisboa, Costa Sudoeste e Alentejo interior, a ocupação terá ocorrido entre a 2.^a metade do V milénio e o início do IV milénio AC (Zilhão & Carvalho, 1996; Carvalho, 1998a; Silva & *alii*, 1989; Silva & Soares, 1981, 2004; Silva, 1989; Ferreira, 2005; Valera, 2006; Muralha & Costa, 2006; Armbruster, 2006).

A julgar pelo conjunto artefactual, o grupo que ocupou o Monte da Foz 1 estaria economicamente e socialmente enquadrado com as modalidades de interação entre o homem e o meio que caracterizam o processo de neolitização em curso, num quadro global de ruptura, face às pré-existências mesolíticas.

2. O conjunto de pedra lascada do Monte da Foz 1

2.1. Características da amostra: dimensão, descrição e contexto de recolha

O conjunto de materiais de pedra lascada é formado por 1102 peças, produzidas a partir da utilização de matérias-primas locais (quartzito e quartzo) e regionais (sílex). Os 1102 registos testemunham as várias etapas da cadeia operatória, principalmente nas matérias-primas de origem local. No que diz respeito ao sílex, no registo arqueológico, não estão representadas todas as etapas do processo de talhe.

Durante a escavação, os sedimentos foram todos crivados com crivos de malha de 5mm, o que se crê ter permitido uma recolha quase integral do material arqueológico existente nas áreas intervenionadas. Admite-se que talvez fosse mais seguro a utilização de uma malha mais fina, mas, infelizmente, tal situação não foi possível quer por razões logísticas, quer pela celeridade que os trabalhos arqueológicos no terreno tiveram que deter, num contexto de minimização de impactes.

O sedimento arenoso e solto característico do substrato geológico desta região do Baixo Tejo e as alterações antrópicas resultantes de trabalhos agrícolas são propícias à dispersão vertical do material arqueológico entre as sucessivas camadas. No entanto, o elevado número de artefactos arqueológicos recolhido nas camadas pertencentes ao nível arqueológico em análise, onde se constata uma forte presença de esquirolas e restos de talhe, são bons indicadores de uma boa preservação do nível arqueológico. Por outro lado, os materiais apresentam-se em bom estado, existindo muito poucos elementos rolados e nenhum eolizado.

Quanto à proveniência dos artefactos, não se observaram concentrações significativas que possibilitasse a definição de áreas funcionais relacionadas com a preparação e utilização dos utensílios. Ainda assim, o sedimento associado à única estrutura identificada (estrutura negativa, tipo “fossa”/“cuvette”) forneceu 111 registos, onde se destacam 87 subprodutos de talhe, 21 lascas, 2 núcleos e 1 micrólito geométrico.

2.2. Descrição e classificação

2.2.1. Matéria-prima

No Monte da Foz 1, as rochas e minerais que foram objecto de talhe são o quartzito, o quartzo, o quartzo hialino e o sílex. O quartzito apresenta-se como a mais utilizada, com 505 testemunhos, correspondendo a quase metade do total das peças existentes, com cerca de 46% do total da amos-

tra. O quartzo e o sílex manifestam-se em quantidades inferiores, embora com maior primazia para o quartzo. O quartzo, com 339 peças e o sílex com 243 perfazem cerca de 31% e 22% da amostra total, respectivamente. Com uma representatividade muito residual, surge o quartzo hialino, em 15 elementos, compreendendo a cerca de 1% da totalidade de registos (Quadro 1 e Fig. 2).

Quadro 1. Inventário geral da pedra lascada.						
Material de Preparação/Reavivamento/Residual		Quartzito	Quartzo	Q. Hialino	Sílex	Total
Subprodutos de talhe	Esquírolas	324	242	14	146	726
	Inclassificáveis	79	52	-	15	146
	Acidentes talhe	12	2	-	-	14
	Microburis	-	-	-	3	3
Peças de crista	Lamelas	-	-	-	1	1
Peças corticais	Lascas	14	8	-	18	40
Suportes não estandardizados		-	-	-	2	2
Total		429	304	14	185	932
Material Debitado	Lascas	67	24	1	3	95
	Lamelas	-	3	-	34	37
	Lâminas	-	-	-	1	1
Utensílios	sobre lasca	3	1	-	3	7
	sobre lamela	-	-	-	12	12
	sobre lâmina	-	-	-	5	5
Núcleos e fragmentos de núcleos		6	7	-	-	13
Total		505	339	15	243	1102

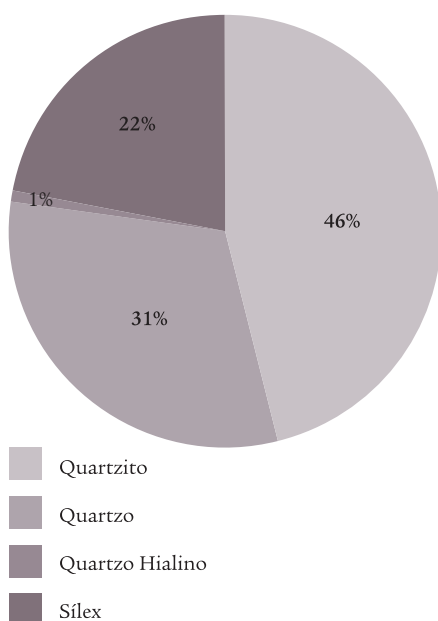


Fig. 2 Economia das matérias-primas.

Ao nível da debitação e conformação de utensílios (numa leitura conjunta), observa-se que a representatividade da matéria-prima não se altera muito. O quartzito continua a ser a rocha mais representada, com cerca de 44% do total, seguida pelo sílex, com cerca de 37% de peças produzidas, e pelo quartzo, com cerca de 18%. O quartzo hialino só entra nestas quantificações com uma única peça, coincidindo com 1% da amostragem.

No campo da utensilagem, observa-se uma inversão de presenças relativamente ao sílex e quartzo. Este facto está relacionado com as estratégias de debitação e com a gestão diferenciada das matérias-primas, enquadradas na futura funcionalidade dos suportes de utensilagem. Por outro lado, a dificuldade em identificar fragmentos mesiais e distais de produtos alongados em quartzo (facilmente classificados como subprodutos de talhe), poderá distorcer ambas as leituras, aumentando, por um lado, o número de registos de quartzo (em relação ao sílex) no

quadro dos subprodutos de talhe, mas, por outro lado, diminuindo a sua percentagem nos produtos debitados e utensilagem, contribuindo para uma maior representatividade do sílex.

Desta forma, observa-se que a economia de exploração no Monte da Foz 1 basear-se-ia em matérias-primas locais e matérias-primas regionais e exógenas. Embora atestada, no local de ocupação, a exploração diversificada de matérias-primas, a utilização preferencial recairia por rochas imediatamente acessíveis, tendo estas, 78% das peças do conjunto.

Ainda que não se tenha verificado a presença de níveis de cascalheira na plataforma em questão, seria relativamente fácil encontrar acumulações destes materiais clásticos nas proximidades da jazida, visto estarmos perante uma implantação em ambiente fluvial.

Se, por um lado, o quartzito, o quartzito e o quartzito hialino podiam ser abundantemente e localmente recolhidos, numa óptica de aprovisionamento directo e enquadrado numa estratégia que visaria a exploração do território imediato de captação de recursos, o mesmo não se aplicaria ao sílex.

Os materiais em sílex representam uma percentagem significativa da cultura material do Monte da Foz 1. A importância que detém no conjunto, inseridos numa estratégia de talhe específica (totalidade da micro-utensilagem e mais de 90% dos produtos alongados – *vide infra*), remete para um quadro social e económico bastante dinâmico e de interacção com distintas realidades.

Embora não seja uma matéria-prima totalmente ausente da região envolvente, a diversidade que o conjunto de materiais de sílex apresenta aponta para uma obtenção em contextos claramente distantes do substrato regional. Ao nível da coloração estão presentes materiais de cor amarela, branco, negro, cinzento, vermelhos e rosas de distintas intensidades. O sílex revela diferenças quanto ao nível do grão, tendo sido registados sílex de grão fino e grosseiro. A “qualidade” e diversidade do sílex sugerem a existência de distintas áreas de proveniência, ainda que, e na ausência de análises petrológicas, esta seja apenas uma afirmação provisória.

A análise do tipo de córtex presente nas peças em sílex também se enquadra na diversidade acima referida. Se por um lado, existem materiais com córtex proveniente de depósitos de aluvião, com o rolamento característico do transporte, por outro lado, observa-se uma maior percentagem de peças com córtex claramente distinto, de alteração espesso, recolhido, seguramente, em contextos geológicos primários (Quadro 2).

Quadro 2. Tipo de córtex .			
<i>Córtex de alteração espesso</i>	<i>Córtex de alteração rolado</i>	<i>Córtex de seixo</i>	<i>Total</i>
29	16	231	276

Se o córtex de natureza aluvial pode ter sido, em parte, recolhido num contexto regional, o que se apresenta de alteração e espesso só pode ter sido obtido em áreas de aprovisionamento a maior distância. Embora não tenha sido projectado um estudo estritamente geológico que pretende-se detectar as áreas de proveniência das matérias-primas, ainda assim, no caso do sílex, face às jazidas cartografadas na Estremadura (Zilhão, 1997, vol. I, p. 133) e atendendo à distância média de 40 a 50 km a que distam do Monte da Foz 1 (região de Lisboa, Rio Maior e Torres Vedras), a probabilidade dessa rocha ter origem nessas áreas é significativa.

Esta situação demonstra a preocupação de uma comunidade em obter uma matéria-prima específica que se enquadra numa estratégia de produção, também ela de grande especificidade, sendo que essa matéria-prima terá que ser recolhida em áreas relativamente distantes do local de

habitat. As limitações impostas pelo substrato geológico da região obrigam ao desenvolvimento de estratégias de forte pendor social e económico, envolvendo o grupo que habita o Monte da Foz em esquemas de circulação de matéria-prima.

2.2.2. *Talhe local*

Qualquer das matérias-primas exploradas no Monte da Foz 1 forneceu mais restos e subprodutos de talhe que utensílios. Observando o Quadro 1, constata-se que cerca de 85% do conjunto corresponde a material relacionado com as diferentes fases de exploração dos núcleos, restando, apenas, cerca de 15% relacionado com os objectivos finais da produção, nomeadamente das fases plenas da cadeia operatória.

Desta forma, todas as matérias-primas presentes no registo arqueológico foram trabalhadas no Monte da Foz, embora a economia de debitage e a especificidade funcional adaptada a cada rocha, tenham influenciado fortemente a percentagem de presenças.

O quartzito e o quartzo são as únicas matérias-primas que contêm elementos que atestam a presença, no local, de todas as fases da cadeia operatória. Em ambas, observa-se a presença de peças que permite reconstituir

...o conjunto de acções aplicadas sobre um bloco de matéria-prima, desde da sua selecção até ao abandono definitivo dos elementos dele provenientes (resíduos, produtos de debitage, núcleos e o próprios utensílios) (Carvalho, 2008, p. 169).

Nestas rochas, os subprodutos de talhe e as peças de descorticação correspondem a cerca de 67% do conjunto, o que, além de atestar uma actividade intensa e recorrente de talhe no local, demonstra a superioridade do uso de recursos locais, nessa mesma economia de debitage. No registo, estão presentes esquirolas e peças corticais relacionadas com a descorticação e configuração de seixos rolados. Da fase plena de debitage, observa-se a presença de material debitado em bruto (lascas, no caso do quartzito; lascas e lamelas, no quartzo), tendo, por fim, correspondendo à etapa final do processo de talhe, o registo de núcleos e seixos debitados. As peças de descorticação não se encontram em número mais elevado porque os seixos, na sua maioria, já deveriam chegar testados ao povoado.

No caso do sílex, a situação só não é totalmente idêntica devido à ausência de elementos que atestem a etapa final do processo de talhe, os núcleos. Este dado poderá estar correlacionado com múltiplos factores de natureza distinta. Questões pós-deposicionais, lacunas arqueográficas derivadas da exiguidade das áreas escavadas e razões relacionadas com o tipo de estratégia e funcionalidade da ocupação do Monte da Foz 1, poderão ser a causa para este caso concreto.

No entanto, a leitura do peso do sílex e do quartzito terá que ser feita em função da estratégia de talhe e da finalidade que essa acção visava. Se, como se observa nos Quadros 1 e 11, a debitage em sílex visava, na sua maioria, a produção de produtos alongados e utensílios sobre esses mesmos elementos, é possível que as lascas de sílex, entretanto obtidas, fossem, basicamente, um meio para atingir esse mesmo objectivo. Ao invés, o objectivo primordial, ou mesmo único, no caso do quartzito, seria a obtenção de lascas. Desta forma, o valor atribuído, enquanto material debitado e possível futuro suporte de utensílio, às lascas de sílex e quartzito não pode ser o mesmo. No conjunto total das lascas (em bruto, corticais e suportes de utensilagem), o sílex representa 17% em oposição ao quartzito, com cerca de 60%. Perante esta leitura, considerou-se que as lascas corticais e semicor-

taicais em sílex se enquadravam na fase de descorticação e preparação de um núcleo², que seria conformado para a obtenção de produtos, fundamentalmente, alongados, enquanto no caso do quartzito, só se consideraram como material preparatório, as lascas corticais.

Embora não se tenham registado núcleos de sílex, a forte presença de subprodutos de talhe, com 164 registos, indica, com segurança, uma actividade consistente de debitage. Por outro lado, a presença de material relacionado com a descorticação e limpeza de blocos (18 peças corticais), com as etapas de configuração das plataformas de talhe (lamela de crista) e de manutenção e reavivamento de núcleos (um utensílio que provem de uma base de um núcleo), apresentam-se como indicadores viáveis de preparação dos produtos debitados (Fig. 3). Relativamente às etapas plenas da debitage observam-se, em número expressivo, suportes bruto (38) e suportes de utensilagem (20).

O esforço físico e social que o grupo teria que realizar para obter esta matéria-prima, poderá ser uma explicação para o número mais reduzido de elementos em sílex, face às matérias-primas locais. No sílex, ao contrário do quartzito e quartzo, terá ocorrido um talhe que visaria uma exploração eficaz, na tentativa de obter o aproveitamento quase integral desta matéria-prima.

Estes dados, aos que se acrescenta a presença no registo de percurtores, reflectem a existência de talhe local, numa lógica de produção diferenciada, que busca uma finalidade e funcionalidade diferente, consoante a matéria-prima explorada.



Fig. 3 Material de descorticação e limpeza de blocos de sílex, com córtex de alteração espesso.

2.2.3. Núcleos

Durante a escavação do Monte da Foz 1 foram recolhidos, apenas, 13 artefactos que, pelas suas características globais se inseriram na categoria de Núcleos. As reduzidas dimensões apresentadas, nomeadamente nos exemplares em quartzo (28 mm de comprimento médio), aliadas às dificuldades em se reconhecer, com segurança, a maioria dos levantamentos (novamente no quartzo), coloca algumas reservas na sua classificação.

Face ao volume de registos relativamente a produtos debitados, restos de talhe e de material de preparação/manutenção e reavivamento registado, era de crer que o número de exemplares relacionados com “bloco de matéria-prima de onde se retiraram lascas, lâminas ou lamelas tendo em vista a obtenção de suportes para utensílios” (Tixier & *alii*, 1980, p. 93, *apud* Carvalho, 2008, p. 175), fosse consideravelmente maior. As razões que justificam este dado deverão ser de natureza pós-deposicional, estratégias tecnológicas da comunidade que habitou o Monte da Foz 1 e natureza arqueográfica, a que o reduzido espaço arqueologicamente intervencionado não deve ser alheio de responsabilidade.

O conjunto dos núcleos é composto por 7 exemplares em quartzo e 6 em quartzito. Trata-se de duas matérias-primas locais e que facilmente se encontram na envolvente do sítio. Nos contextos de Neolítico Antigo são, geralmente, associadas a estratégias de talhe de carácter expedito, sendo, normalmente, extraídas, lascas, esquirolas e lamelas (Carvalho, 1998b). O talhe destas rochas e os objectivos tipológicos pretendidos não obrigam a uma grande aptidão, do ponto de vista tecnológico do talhador.

Os exemplares em quartzo são de difícil classificação. Os levantamentos apresentam-se pouco padronizados e são difíceis de reconhecer. Seis dos artefactos referem-se a pequenos nódulos debitados e/ou núcleos informes. Os poucos levantamentos perceptíveis indiciam a extracção de lascas e/ou lamelas de pequena dimensão. Os 3 únicos exemplares de lamelas em quartzo registados no Monte da Foz 1 são fragmentos proximais com comprimentos conservados até aos 17 mm (*vide infra*), o que não permite afirmar se estes seriam os “modelos-tipo” de núcleos de quartzo, utilizados para a extracção de lamelas. Regista-se, ainda, uma peça esquirolada que corresponde a núcleo que visaria a produção de esquirolas e pequenas lamelas (Zilhão, 1997, *apud* Carvalho, 1998b, p. 22).

Em quartzito, foram registados 6 núcleos para a produção de lascas. Com um comprimento médio de 54 mm, predominam os simples nódulos debitados com poucos levantamentos e uma só plataforma (Fig. 4).



Fig. 4 Núcleo sobre seixo de quartzito.

Os núcleos conservados remetem para a presença de um talhe expedito em quartzito e quartzo. Os poucos levantamentos existentes coadunam-se com a ausência de preocupação em esgotar uma matéria-prima que é local, e que se apresenta disponível de forma abundante e de fácil apreensão. Desta forma, não haveria a necessidade de se esgotar e/ou reavivar os blocos escolhidos para debitar.

Se os núcleos observados, pela sua baixa densidade e características, são portadores de pouca informação quanto às estratégias e gestão de debitação dos grupos humanos do Monte da Foz 1, resta-nos obter esses dados nos produtos de si extraídos.

2.2.4. Lascas

Do material debitado, as lascas são o suporte mais produzido no Monte da Foz 1. No total deste subconjunto, as lascas representam cerca de 65%, em contraste com as lamelas, com 31% e com as lâminas, com cerca de 4% (Fig. 5).

A debitação do quartzito, orientada exclusivamente para a produção de lascas que seriam utilizadas sob a forma de suportes de utensilagem (retocadas) ou em bruto (directamente sobre o gume), proporciona a maior percentagem de lascas do conjunto (Fig. 6).

O talhe do quartzo visava a obtenção de lascas sendo, também, explorado para a obtenção de produtos alongados.

Em relação ao sílex, a sua finalidade seria, seguramente, oposta à do quartzito e, em parte, ao quartzo. A debitação de nódulos de sílex visava a obtenção de suportes alongados, relegando para as lascas um papel de preparação e conformação dos núcleos. Mesmo estando presentes algumas lascas em sílex, o seu número é bastante diminuto, o que mostra que a sua obtenção, enquanto suporte em bruto ou de utensilagem, não era a principal motivação do artesão responsável.

Desta forma, as lascas têm no quartzito a sua principal fonte de origem, com cerca de 71% das peças, seguindo-se o quartzo com 25%, e, por fim, o sílex, com apenas 3%. Fora destas contas surge o quartzo hialino, com 1 lasca em todo o conjunto, valor muito residual sem expressão cultural (Fig. 7).

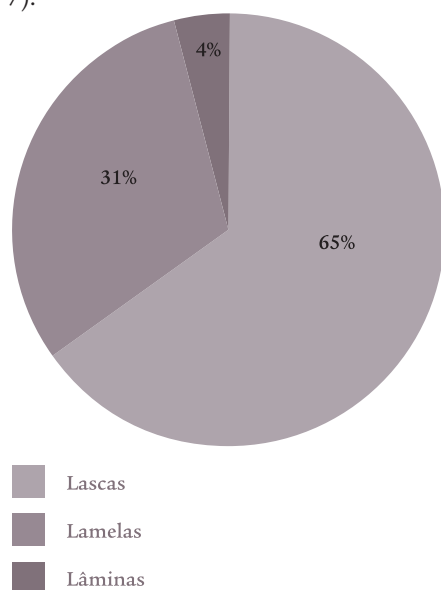


Fig. 5 Morfometria da debitação.

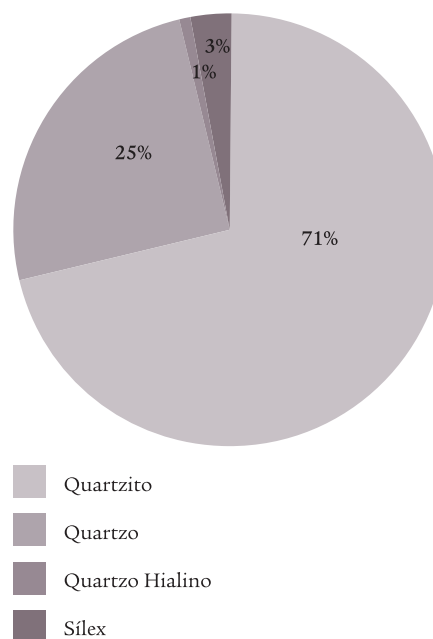


Fig. 7 Lascas: matéria-prima.

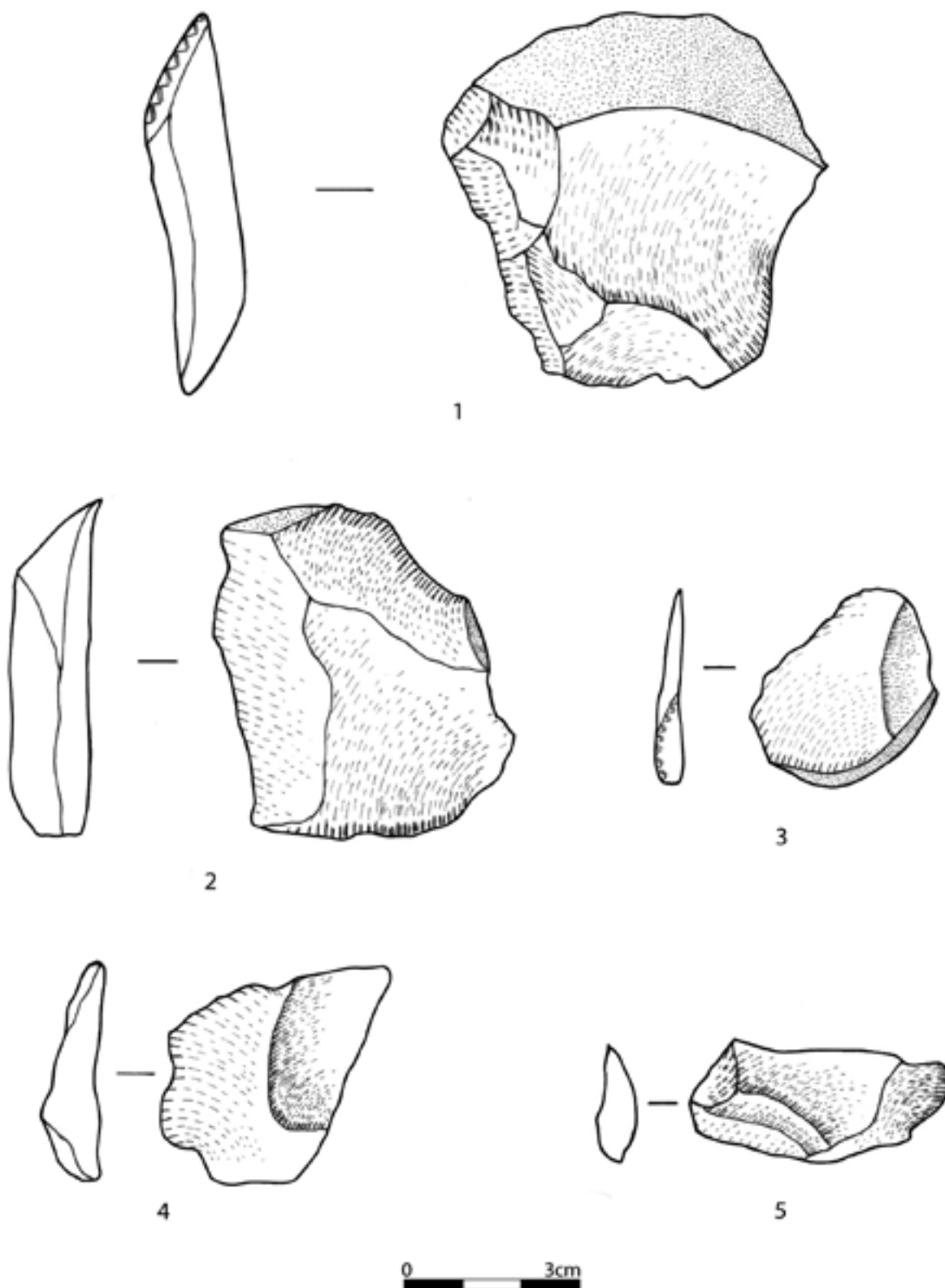


Fig. 6 Monte da Foz 1. Pedra lascada (quartzito). 1 - lasca semi-cortical com traços de utilização; 2-3 - lascas semi-corticais; 4-5 - lascas não corticais.

A funcionalidade das lascas enquanto utensílios está atestada através das peças desta categoria com retoque marginal e com traços de utilização. O retoque marginal só ocorre no sílex, o que deixa entender que as lascas em quartzito e quartzo seriam utilizadas directamente sobre o gume em bruto.

Tendo em conta o Quadro 3, observa-se que, o elemento artefactual onde ocorre a maior percentagem de presença de córtex no conjunto dos produtos debitados corresponde às lascas. Quanto ao córtex, 66 lascas (numa leitura conjunta de suportes em bruto ou de utensilagem) apresentam-se semicorticais, com córtex vestigial ocorrem 14 elementos, e, sem córtex, 20. Registadas como lascas corticais estão 23 peças. No entanto, desta última categoria, uma apresenta-se como utensílio *a posteriori*, devido à existência de traços de utilização, e as outras 22 com o anverso cortical. Assim sendo, estas 22 foram enquadradas como material de preparação, pois “... poderá corresponder na realidade a material produzido no âmbito da conformação de núcleos...” (Carvalho, 1998b, p. 23).

No que diz respeito às dimensões, no sílex, as lascas apresentam um comprimento médio de 17 mm, largura média de 17 mm e, de espessura, 4 mm. No quartzo (num cálculo realizado por amostragem no valor de 50% do total das lascas), o comprimento médio é de 30 mm, a largura média é de 28 mm e a espessura de 11 mm. As dimensões das lascas de quartzito (num cálculo realizado por amostragem no valor de 30% do total das lascas), no que diz respeito ao comprimento é de 36 mm, relativamente à largura é de 33 mm e, de espessura 11 mm.

A análise dos talões revela um predomínio de talões corticais, com 55% do total do conjunto, e de talões lisos, com cerca de 24%. Esta tendência remete para uma preferência de planos de percussão em superfícies corticais e lisas (Fig. 8).

Quadro 3. Presença de córtex em produtos debitados			
<i>Semi-corticais</i>	<i>Córtex vestigial</i>	<i>Sem córtex</i>	<i>Total</i>
71	15	68	154

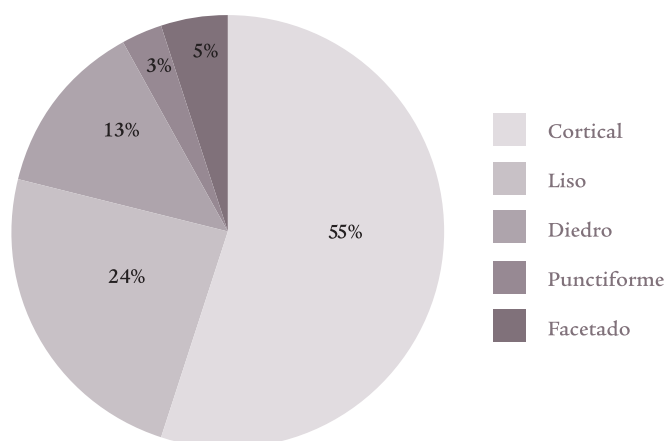


Fig. 8 Lascas: tipo de talões.

2.2.5. Produtos alongados

Os produtos alongados preservados no Monte da Foz 1 foram obtidos em duas matérias-primas distintas, o sílex e o quartzo. No entanto, a diferença de valores entre as ocorrências é tão evidente que pode indiciar uma clara opção pelo sílex para a produção destes elementos artefactuais.

Num total de 51 registos (incluindo material retocado e com marcas de utilização), o sílex corresponde a cerca de 94%, com 48 peças, e o quartzo a 6%, com 3 registos.

O predomínio do sílex, que ronda os 92% ou 94%, mantém-se, quer se inclua, ou não, nesta contagem as peças retocadas ou com sinais de uso.

Quadro 4. Grau de transformação da indústria lítica				
Estado	Lasca	Lâmina	Lamela	Total
Em bruto	95	1	37	133
Com traços de utilização	4	3	4	11
Retoque	2	1	5	8
Total	101	5	46	152

O conjunto de produtos alongados, e aqui estão incluídos os suportes em bruto e os utensílios, demonstra que se está perante uma indústria de dimensões lamelares. Considerando os valores que distinguem as lâminas das lamelas (as primeiras diferenciam-se das últimas por ter uma largura maior ou igual a 12 mm), o conjunto é dominado pela presença de lamelas, com 46 peças, face às lâminas, com 5 registos (Quadro 4). Ao nível das matérias-primas, o quartzo não se encontra representado nas lâminas, sendo estes produtos exclusivos da debitagem em sílex. O quartzo está presente em, apenas, três lamelas, demonstrando, claramente, ter sido uma escolha secundária e residual para a estratégia de obtenção destes produtos (Fig. 9, n.ºs 9 e 10).

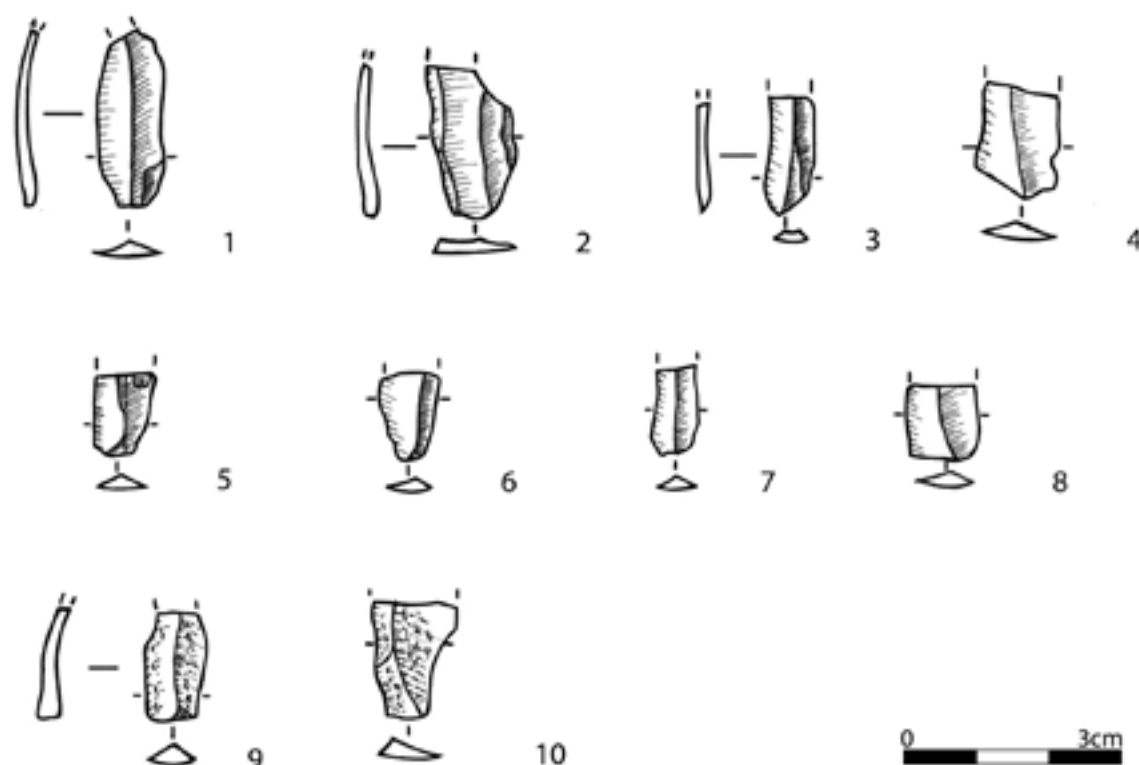


Fig. 9 Monte da Foz 1. Pedra lascada (sílex e quartzo). Lamelas em bruto.

Observando o Quadro 5 e a Fig. 10, depreende-se que existe uma certa padronização na produção dos produtos alongados. Regista-se um predomínio de peças com larguras entre os 5 e os 9 mm, com 32 registos, o que equivale a 63% do conjunto. Entre os 9 e os 12mm ainda existe alguma representatividade, com 14 peças, correspondendo a 26% dos registos. Já no campo das produções laminares, o número é bastante menor, com os 5 exemplares a representarem apenas 10% do total.

Quadro 5. Produtos alongados – largura.										
Largura (mm)	5 - 5,9	6 - 6,9	7 - 7,9	8 - 8,9	9 - 9,9	10 - 10,9	11 - 11,9	12 - 12,9	13 - 13,9	Total
N.º de peças	8	8	6	10	6	5	3	1	4	51

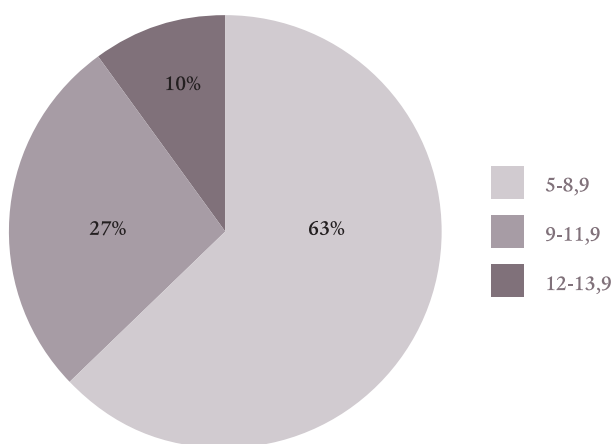


Fig. 10 Produtos alongados – Largura (mm).

Relativamente às espessuras, cerca de 58% das presenças integram a classe entre os 2-2,9 mm, 40% referem-se às classes de 1-1,9 mm e 3-3,9 mm (com 20% de presenças em cada classe), restando uma presença na classe 4-4,9 mm (Quadro 6 e Fig. 11).

Quadro 6. Produtos alongados – espessura.					
Espessura (mm)	1 - 1,9	2 - 2,9	3 - 3,9	4 - 4,9	Total
N.º de peças	10	30	10	1	51

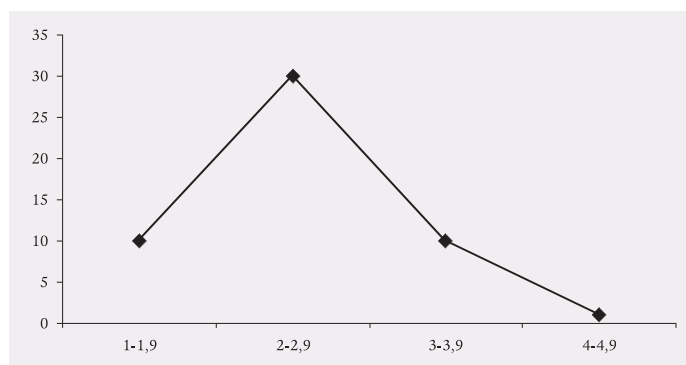


Fig. 11 Produtos alongados – Espessura (mm).

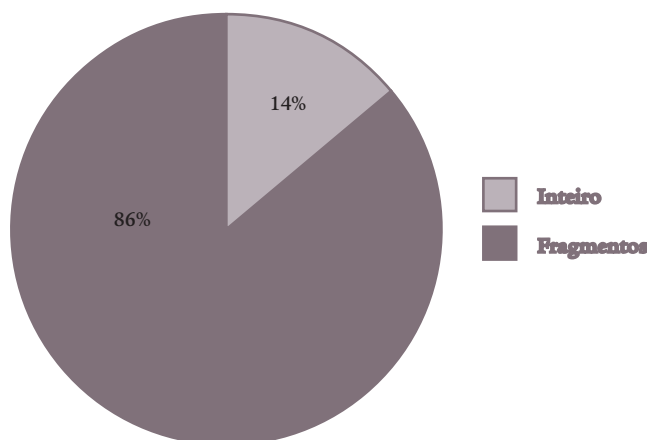


Fig. 12 Produtos alongados – Estado.

Quanto ao estado, em 44 casos, os produtos alongados apresentam-se fragmentados, restando, somente, 7 exemplares inteiros (Quadro 7 e Fig. 12). Destes últimos, dois pertencem a lâminas e cinco a lamelas. A fracturação intencional destes produtos demonstra um predomínio da flexão, em 17 casos (16 lamelas e uma lâmina), sendo este um dado que encontra paralelismos com outros sítios do Neolítico Antigo peninsular (Diniz, 2007, p. 92). A fracturação por percussão está presente em 7 lamelas, a técnica mista em 3 lamelas e uma lâmina, sendo de impossível classificação, mediante observação macroscópica, 15 lamelas e uma lâmina. O recurso à técnica do microburil está registado em três exemplares desta categoria. Apesar de serem sobre lamelas, foram inventariados como microburis, não ficando inseridos no quadro dos produtos alongados. Face ao exposto, constata-se que o recurso à técnica do microburil para fragmentar produtos alongados não seria uma opção primordial (Fig. 13, n.ºs 1 e 2).

Quadro 7. Produtos alongados – estado.		
<i>Inteiro</i>	<i>Fragmentos</i>	<i>Total</i>
7	44	51

As extremidades conservadas subdividem-se em proximais, com 25 exemplares, mesiais, presente em 11 peças e distais, em apenas 8 casos. As partes mesiais poderão estar relacionadas com a produção de utensílios compostos, nomeadamente “foices” (Carvalho, 1998b; Carvalho & Zilhão, 1994), sendo um importante elemento na compreensão da funcionalidade deste sítio e da sua economia.

Numa percentagem muito baixa de registos, cerca de 12%, observa-se a presença de córtex nos produtos alongados. Correspondem a 5 lamelas semicorticais e uma lamela com córtex vestigial. Não há presença de córtex em qualquer um dos exemplares de lâmina. Uma das lamelas semicorticais contém traços de utilização, o que demonstra que mesmo não pertencendo a uma “fase plena de debitagem” (Zilhão, 1997), isto é, não representado “... o objectivo essencial de todo o processo de debitagem” (Carvalho, 1998b, p. 23), a sua utilidade é significativa.

Ao nível da secção, existe um claro equilíbrio entre a trapezoidal e a triangular. Ainda assim, permanece um ligeiro ascendente de peças com secção trapezoidal, com 26 registos, sobre os 23 de secção triangular. Num plano quase irrelevante, surgem dois exemplares com uma secção que difere das duas dominantes (Quadro 8 e Fig. 14).

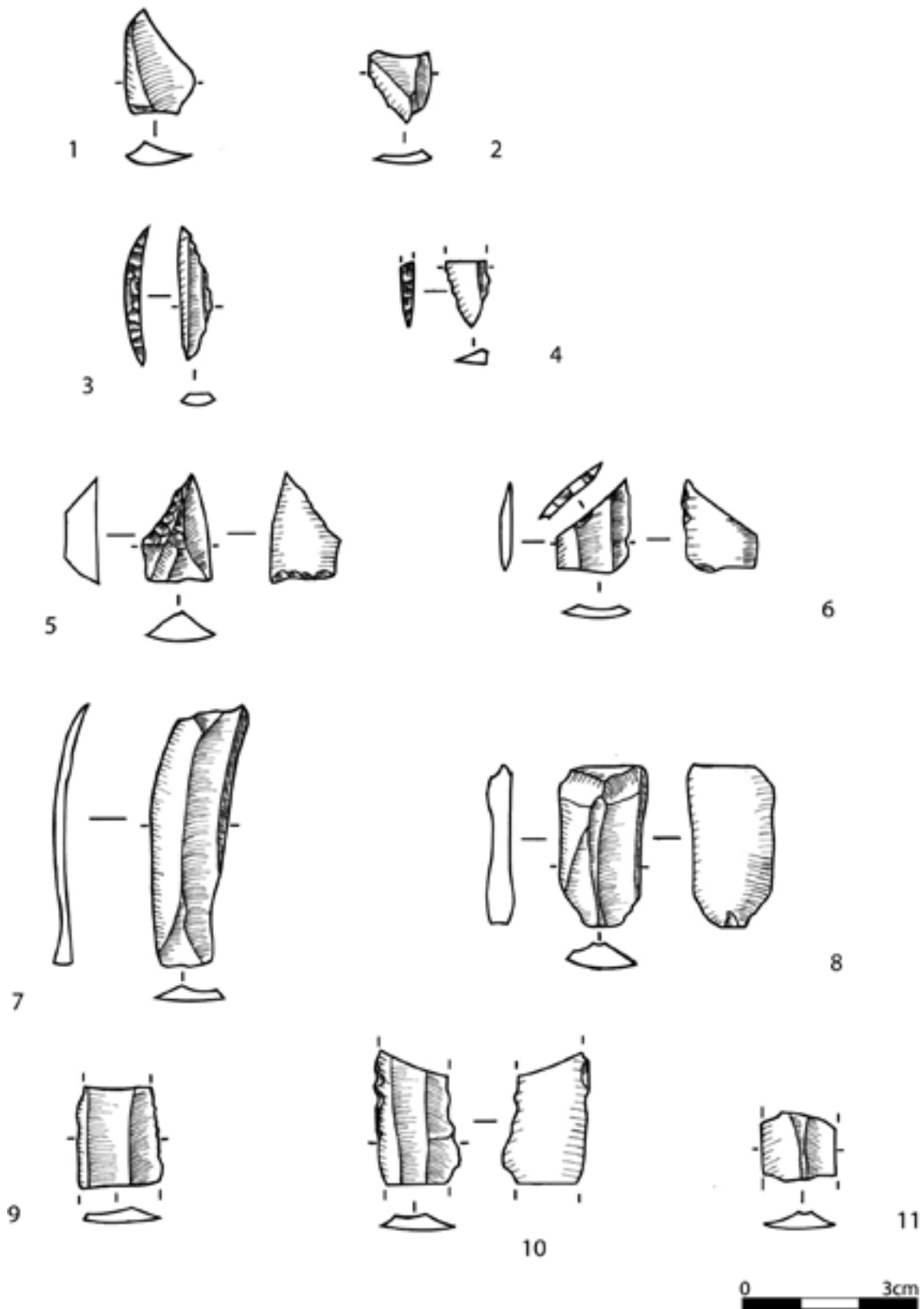


Fig. 13 Monte da Foz 1. Pedra lascada (sílex). 1-2 - microburis; 3-4 - segmentos; 5-6 - trapézios; 7-11 - Lâminas: 7-9 - com traços de utilização; 10 - com retoque marginal.

Quadro 8. Produtos alongados – secção.			
<i>Triangular</i>	<i>Trapezoidal</i>	<i>Outra</i>	<i>Total</i>
23	26	2	51

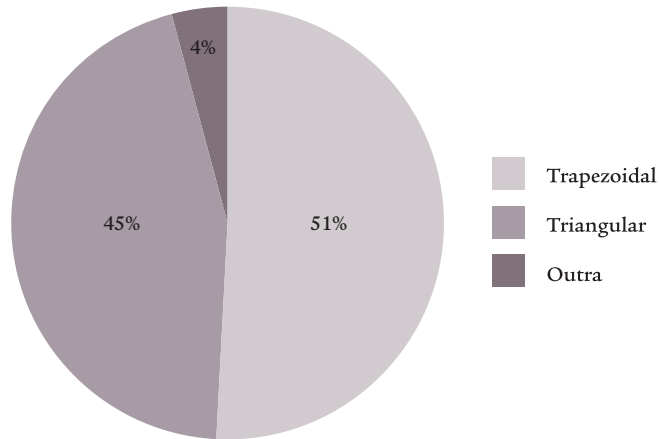


Fig. 14 Produtos alongados – Secção.

Os bordos, quanto à sua morfologia, surgem, maioritariamente paralelos. As 27 ocorrências significam mais 50% da amostragem, em contraste com os bordos irregulares, presentes em 12 casos. Com uma presença mais diminuta surgem os bordos divergentes, convergentes e biconvexos. No total, estas três classes correspondem a 12 exemplares e a 24% do conjunto (Quadro 9 e Fig. 15).

Quadro 9. Produtos alongados – morfologia dos bordos.					
<i>Paralelos</i>	<i>Convergentes</i>	<i>Divergentes</i>	<i>Biconvexos</i>	<i>Irregulares</i>	<i>Total</i>
27	4	5	3	12	51

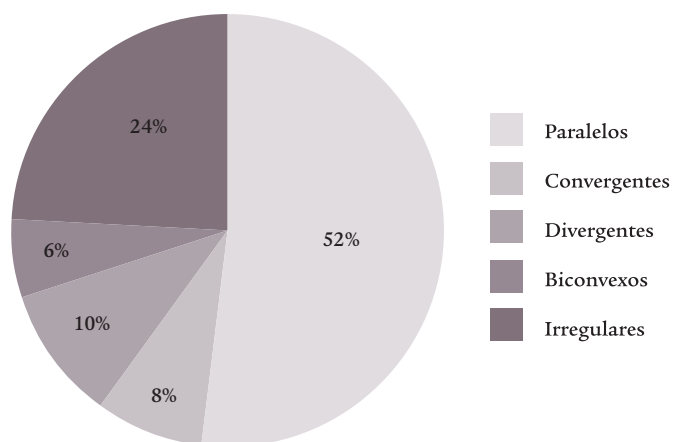


Fig. 15 Produtos alongados – Morfologia dos bordos.

No que diz respeito ao perfil dos produtos alongados, existe um forte predomínio do perfil direito, com 33 presenças, seguida pelo perfil côncavo, com 14 exemplares e distante do perfil torcido com, apenas, 4 casos (Quadro 10 e Fig. 16). É verdade que a fraca representatividade de produtos inteiros condiciona esta leitura, no entanto, este resultado vai ao encontro dos produtos alongados conhecidos em outros conjuntos líticos atribuíveis ao Neolítico Antigo do actual território português (Diniz, 2007, p. 101; Zilhão, 1997, vol. I, p. 814).

Quadro 10. Produtos alongados – perfil.			
<i>Direito</i>	<i>Côncavo</i>	<i>Torcido</i>	<i>Total</i>
33	14	4	51

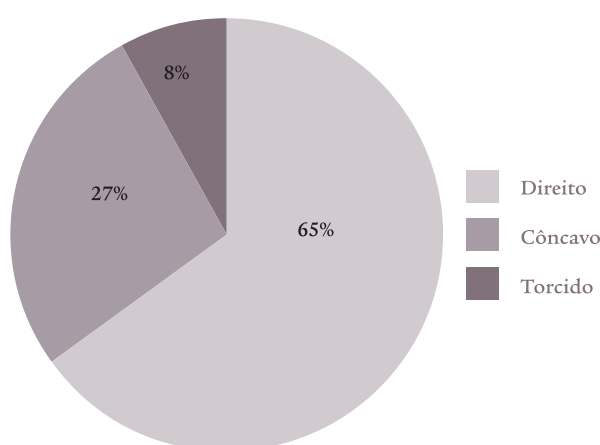


Fig. 16 Produtos alongados – Perfil

Os talões dos produtos alongados do Monte da Foz 1 apresentam algumas dissemelhanças entre si, o que pode significar uma variedade quanto às plataformas das quais se extraíram estes produtos alongados. O talão liso é o que revela maior presença no conjunto, com 14 ocorrências. A presença deste tipo de talão poderá demonstrar que os produtos lamelares (visto que só se encontra presente em lamelas) foram debitados em plataformas não preparadas, sendo estas fruto da manutenção de núcleos que recorre ao reavivamento e correcção de plataformas de talhe a partir da remoção de *tablettes* (embora estas não estejam presentes no registo artefactual) (Diniz, 2007, p. 101). Em 12 exemplares (duas lâminas e dez lamelas) verificam-se talões facetados. Estes produtos terão sido debitados a partir de núcleos prismáticos com plataformas preparadas/facetadas (Carvalho, 1998b, p. 30). Os talões punctiformes, embora em número menos expressivo, estão registados em cinco lamelas.

Relativamente às ondas de percussão, não existe uma tendência efectiva por uma das categorias. As ondas percussão aplanadas são as mais comuns, verificando-se em 19 exemplares. De seguida, em 18 casos, surgem as ondas salientes e, em 14 peças, as ondas não são visíveis. Este último dado, relativo às ondas de percussão não visíveis (presentes em 27% do conjunto) poderá corresponder ao recurso ao talhe por pressão (Diniz, 2007, p. 101), como uma das técnicas de talhe utilizadas no Monte da Foz 1 (Fig. 17).

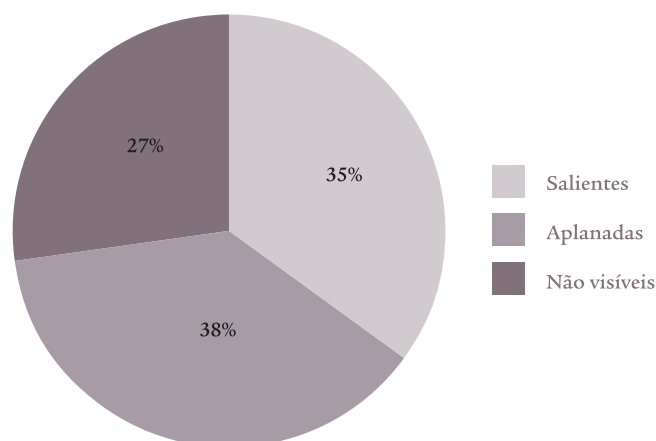


Fig. 17 Ondas de percussão nos produtos alongados.

2.2.6. Utensilagens

Utensilagem retocada e a posteriori

A utensilagem retocada está presente através de 10 artefactos, todos em sílex, uma rocha alóctone. (Quadro 11).

O papel desempenhado pelas lascas é ligeiramente inferior ao dos suportes alongados (cerca de 30% deste conjunto). Os produtos alongados constituem a base da utensilagem retocada (mesmo não contabilizando com os geométricos, também eles produzidos sobre lamela e/ou lâmina - *vide infra*), com cerca de 50% de presenças.

Dos 10 produtos aqui analisados, 5 são sobre lamela, 3 sobre lasca, 1 sobre lâmina e 1 sobre suporte não estandardizado.

Quadro 11. Quadro tipológico.				
	<i>Sílex</i>	<i>Quartzito</i>	<i>Quartzo</i>	<i>Total</i>
Raspadeiras	1	-	-	1
Entalhes	1	-	-	1
Trapézios	2	-	-	2
Segmentos	2	-	-	2
P. retoque marginal	8	-	-	8
P. traços de utilização	8	3	1	12

Os produtos alongados apresentam retoque marginal que se caracteriza como curto e directo e, geralmente, sobre um bordo. Um dos exemplares sobre lamela, mediante um retoque mais “invasor”, parece condizer com um entalhe, tendo sido essa a categoria atribuída (Fig. 18, n.º 3).

Quanto ao estado dos suportes alongados alvos de retoque, nas lamelas, 2 são fragmentos proximais, um é distal e uma apresenta-se inteira. O utensílio de base laminar é um fragmento mesial (Fig. 13, n.º 10). A lamela inteira é o único destes elementos que apresenta tratamento térmico (Fig. 18, n.º 1).

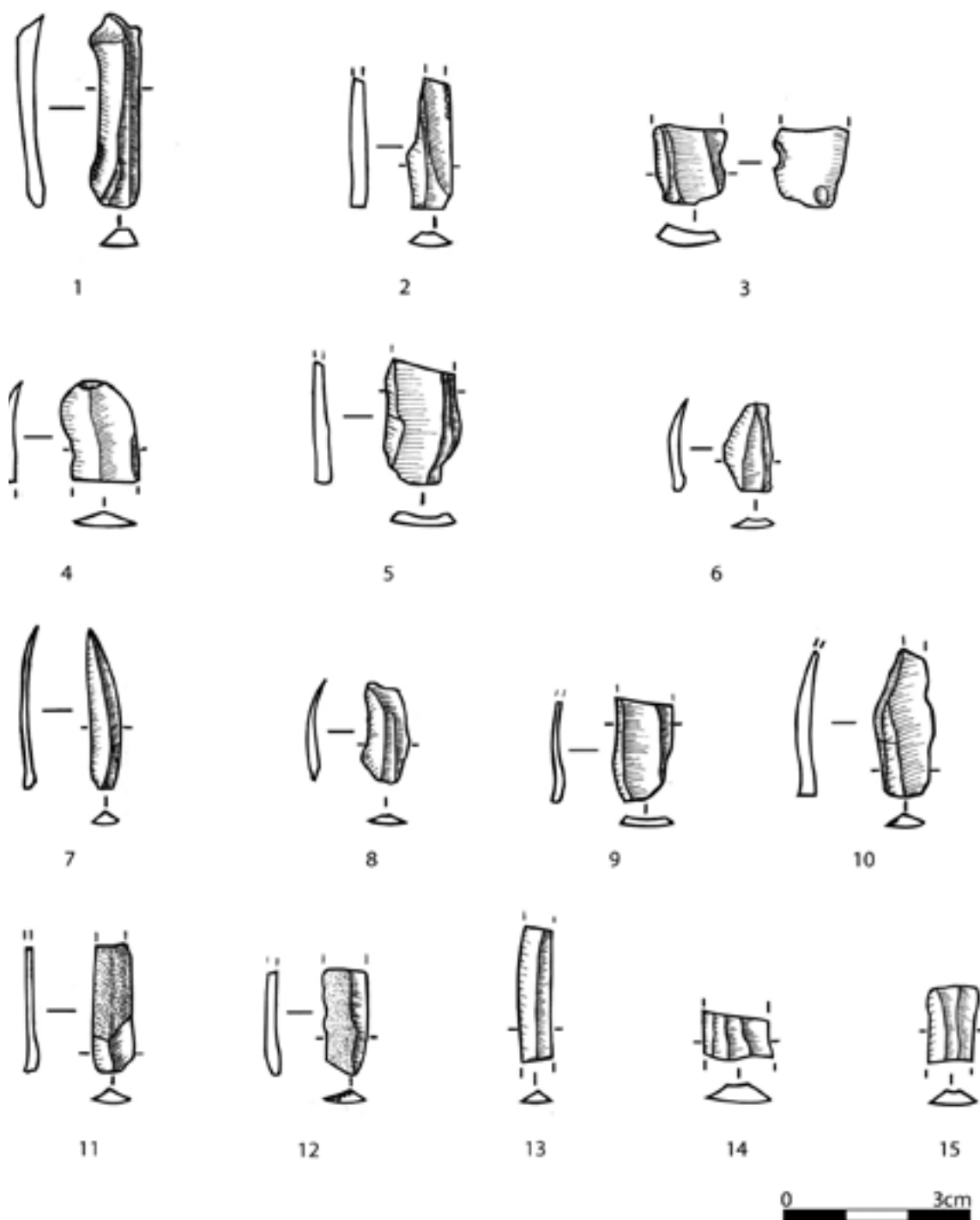


Fig. 18 Monte da Foz 1. Pedra lascada (sílex). Lamelas: 1-2 - com retoque marginal; 3 - entalhe; 4-6 - com traços de utilização; 7-15 - em bruto.

Mesmo tendo sido alvo de fracturação intencional, ou encontrando-se inteiras, as lamelas e as lâminas retocadas, ou com entalhes, deverão ter sido produzidas tendo em vista a função de “elementos de foice” (Carvalho, 1998b, p. 91).

Das 3 lascas com retoque marginal, só uma apresenta córtex. O retoque é curto e directo e foi realizado, exclusivamente, sobre um bordo. Um dos exemplares corresponderá a uma lasca que terá sido retirada da base de um núcleo, aquando o seu reavivamento e manutenção. Neste contexto de lascas retocadas, esta peça é a única que não apresenta indícios de pré-tratamento térmico.

O exemplar de suporte não estandardizado parece tratar-se de um utensílio usado para raspar (possivelmente uma raspadeira), embora esta classificação mantenha algumas reticências.

Os utensílios *a posteriori* estão presentes no conjunto artefactual do Monte da Foz 1 através de 12 exemplares. A possibilidade de recorrer a análises traceológicas elevaria, com grande fiabilidade, este valor numérico. Ainda assim, estes tipos de utensílios significam cerca de 45% do total da utensilagem.

Os traços de utilização observados macroscopicamente nos materiais do Monte da Foz 1 resumem-se a pequenas denticulações nos gumes, não se tendo registado qualquer indício de “lustre de cereal” em qualquer artefacto.

A matéria-prima dominante é o sílex, com 8 peças, seguida pelo quartzito, com 3 e, por fim, o quartzo com, apenas, um exemplar.

As lascas e as lamelas são os suportes mais utilizados neste tipo de utensilagem, com 4 peças cada (Quadro 12). Os utensílios sobre lasca são sobre rochas locais, sendo a maioria (3) de quartzito e, somente um em quartzo. No geral, só um bordo é que foi utilizado. A presença de córtex nas lascas ocorre em todos os exemplares, com 3 semi-corticais e um cortical.

Com excepção destes utensílios sobre lasca, toda a restante utensilagem *a posteriori* é sobre suportes de sílex, correspondendo este predomínio a cerca de 67% do conjunto. Aos 4 utensílios sobre lamela acima referidos, acrescentam-se 3 sobre lâmina. Este grupo das lamelas e lâminas transformadas em utensílios através da utilização *a posteriori*, representam cerca de 27% do total dos utensílios recolhidos no Monte da Foz 1. Os traços de utilização registam-se, na quase totalidade, em um bordo, exceptuando numa lâmina inteira e em um fragmento mesial-distal de lamela, onde se terão utilizado ambos os bordos.

Ainda neste conjunto, surge uma peça de difícil classificação em sílex, semi-cortical, com uma função primária de material de preparação de núcleo, que apresenta traços de utilização.

Quadro 12. Suportes de utensilagem.

	<i>Lasca</i>	<i>Lâmina</i>	<i>Lamela</i>	<i>Outros</i>	<i>Total</i>
Raspadeiras	-	-	-	1	1
Entalhes	-	-	1	-	1
Trapézios	-	1	1	-	2
Segmentos	-	-	2	-	2
P. retoque marginal	3	1	4	-	8
P. traços de utilização	4	3	4	1	12

Geométricos

Ainda no campo da utensilagem retocada surge o grupo dos geométricos, que representam cerca de 15% da utensilagem total. Os micrólitos geométricos presentes no conjunto artefactual do Monte da Foz 1 resumem-se a dois tipos morfológicos: os crescentes (segmentos de círculo) e os trapézios. No total compreendem 4 exemplares, divididos por dois elementos artefactuais em cada tipo.

A matéria-prima escolhida, exclusivamente, para a obtenção destes utensílios foi o sílex. O número de elementos é tão reduzido que se evitará a realização de estatísticas e factos quantitativos, pois estes poderiam ser pouco reveladores do que terá sido a realidade ao nível da utensilagem geométrica no sítio arqueológico.

Só um dos crescentes se encontra intacto, correspondendo o outro exemplar a um fragmento proximal (Fig. 13, n.ºs 3 e 4). O comprimento da peça intacta é de 21 mm e a largura de ambos encontra-se entre os 5 e os 6 mm (Quadro 13). Estas medidas enquadram-se nas dimensões médias deste tipo de armaduras existentes em outros contextos do Neolítico Antigo quer, por exemplo, no Maciço Calcário Estremenho, quer no Alentejo interior (Carvalho, 1998b, p. 93; Diniz, 2007, p. 94). Num dos casos, o geométrico apresenta pré-tratamento térmico. Geralmente, os crescentes correspondem ao micrólito geométrico mais representado nos conjuntos do Neolítico Antigo (Diniz, 2007, p. 89 – Quadro 15; Carvalho, 1998b; Carvalho & Zilhão, 1994), no entanto, o seu predomínio também se estende a um momento de transição para o Neolítico médio (Carvalho, 1998a, 1998b).

Quadro 13. Geométricos e microburis – largura (mm).					
	5 - 5,9	6 - 6,9	10 - 10,9	11 - 11,9	13 - 13,9
Trapézios	-	-	-	1	1
Segmentos	1	1	-	-	-
Microburis	-	-	1	2	-
<i>Total</i>	1	1	1	3	1

Os trapézios foram realizados sobre suportes ligeiramente distintos. Um dos exemplares foi produzido sobre uma lamela e o outro sobre uma lâmina. A secção do trapézio sobre lamela é triangular, em contraste com a do trapézio sobre lâmina, que é trapezoidal (Fig. 13, n.ºs 5 e 6).

Um dos trapézios apresenta a base retocada, juntamente com o brilho revelador de um pré-tratamento térmico aplicado ao núcleo.

Quanto à dimensão, o trapézio sobre lamela tem um comprimento de 17 mm, 11 mm de largura e 4mm de espessura. No de base laminar, o comprimento é de 14 mm, a largura de 13 mm e a espessura de 2 mm. A questão da largura torna-se importante, podendo se constituir como um elemento de diagnóstico de valor crono-cultural. Segundo A. F. Carvalho, as peças com “...larguras em torno de 1cm ou superiores são maioritariamente trapézios e marcam o limite inferior da norma do Neolítico médio...” ou “...o limite superior da norma do Neolítico antigo...” (Carvalho, 1998b, p. 70) (Quadro 14).

Quadro 14. Geométricos e microburis – espessura (mm).			
	2 - 2,9	4 - 4,9	5 - 5,9
Trapézios	1	1	-
Segmentos	2	-	-
Microburis	1	1	1
<i>Total</i>	4	2	1

2.2.7. Tratamento térmico

O recurso ao tratamento térmico encontra-se presente em 62 peças, todas em sílex. Esta técnica, que facilitaria o talhe em rochas siliciosas, apresenta-se em cerca de 20% do total das peças em sílex, respectivamente em subprodutos de talhe, em material debitado e utensílios. A sua maior presença destaca-se nos denominados restos/resíduos de talhe, com 25 exemplares. Destes, 18 referem-se a esquirolas, 5 a fragmentos inclassificáveis e 2 a microburis.

Ao nível do material associado à preparação e reavivamento de núcleos, o tratamento térmico foi observado em 7 lascas de dimensão menor que 2 cm, em 5 lascas semi-corticais, claramente associadas à debitação cortical, e em uma lamela de crista.

No que diz respeito ao material debitado, observou-se o aquecimento intencional do material em 13 lamelas e duas lascas não corticais.

Relativamente aos utensílios, a aplicação de tratamento térmico está presente em duas lamelas e uma lâmina com traços de utilização, em uma lamela e uma lasca com retoque marginal, em um segmento, um trapézio e em dois suportes não standardizados. A variedade de utensílios produzidos com o auxílio do tratamento térmico permite constatar que esta técnica, no Monte da Foz 1, não estaria associada a um utensílio em particular.

2.2.8 Percutores e manuportes

Foram, apenas, registados cinco percutores, quatro sobre seixo de quartzito, e um sobre seixo de quartzo. Trata-se de percutores duros utilizados, em grande parte, no talhe através da percussão directa sobre núcleos de quartzito, quartzo e sílex, sendo esta uma técnica claramente atestada nos materiais de pedra lascada do Monte da Foz 1. A escolha da matéria-prima é exclusivamente local, recorrendo-se aos seixos rolados obtidos em contexto de cascalheira nas redondezas do sítio.

3. Indústria de pedra lascada do Monte da Foz 1: síntese

Na análise deste conjunto destaca-se a exploração, no local, de três tipos de matéria-prima, o quartzito, o quartzo e o sílex. Ainda que estejam presentes algumas peças em quartzo hialino, esta rocha tem um carácter muito residual, revelando valores muito diminutos.

O conjunto revela abordagens diferentes consoante as matérias-primas disponíveis. A economia de exploração baseia-se em matérias-primas locais (quartzito e quartzo) e em matérias-primas regionais e exógenas (sílex), embora apresentando uma gestão diferenciada.

Atendendo ao espólio recolhido, observa-se a presença de talhe local, com maior incidência no quartzito e quartzo, onde estão presentes todos os processos da cadeia operatória. No sílex, a ausência de elementos da etapa final da debitação (núcleos), não coloca de parte que esta rocha também tenha sido talhada localmente. Os restos de talhe, as peças relacionadas com descorticação e reavivamento de blocos a debitar, bem como a presença de material debitado (em bruto e em suportes de utensilagem), são dados sólidos que comprovam essa actividade no Monte da Foz 1.

Esta fase de descorticação, presente, mas relativamente escassa, pode indicar que, ao local, chegariam os blocos de sílex já testados e, em grande parte, descortificados, produzindo-se, na sua maioria, núcleos para lamelas e lâminas e, em menor número, lascas. O carácter exógeno da matéria-

-prima e a aptidão para o talhe de uma rocha que potencia um número mais elevado e diversificado de suportes e utensílios, terá levado à exaustão e esgotamento dos núcleos, facto que poderá ter contribuído para a ausência dos mesmos no registo arqueológico.

Não obstante, não se poderá olvidar que as áreas intervencionadas, de limitado espaço e espaçadas entre si em largos metros, não permitiram a detecção de áreas de actividade onde, eventualmente, poderão ter sido abandonados os núcleos em sílex.

As rochas facilmente exploradas no território imediato de captação de recursos, o quartzito e quartzo, são as que detêm maior peso contabilístico no conjunto. No quartzito, o processo tecnológico envolve um talhe expedito que visava a produção de utensilagens sobre lasca, de concepção muito simples. Os núcleos unipolares, com poucos levantamentos, são indicadores seguros de uma ausência de necessidade em explorar e esgotar ao máximo uma matéria-prima que se apresenta localmente disponível, de forma abundante, e de fácil apreensão. Desta forma, não se procederia ao reavivamento e manutenção dos blocos escolhidos para debitar.

O quartzo, por seu lado, apresenta dados que indicam uma exploração mais diversificada. A sua maior aptidão para o talhe permitiu talhar, além de lascas, esquirolas e lamelas, ficando as lâminas como o único suporte não produzido neste mineral. Ainda assim, o grosso da produção centrava-se nas lascas, representado cerca de 89% do material debitado nesta rocha. Os núcleos e nódulos debitados registados vão ao encontro desta leitura.

A exploração do quartzo e do quartzito assentaria numa estratégia expedita com uma minimização de esforço tecnológico e físico. A sua produção visaria o fornecimento de suportes (lascas) para utensilagens de “uso circunstancial (lascas retocadas ou em bruto para cortar...) ...” (Carvalho, 1998b, p. 89). A macro-utensilagem em quartzito é uma característica comum de sítios ocupados numa fase evolucionada do Neolítico Antigo, principalmente quando o quartzito se apresenta como recurso imediatamente acessível.

O sílex apresenta uma clara oposição face à estratégia e finalidade de talhe verificadas no quartzito. Os dados remetem para uma exploração dirigida para a produção de suportes alongados e micrólitos geométricos. A escassez de lascas em contraste com a forte presença de suportes lamelares e laminares (estes últimos, ainda assim, em menor número do que as lamelas), demonstra o objectivo primordial da debitação desta matéria-prima. Para que tal acontecesse, foi explorado sílex muito diversificado e de excelente qualidade, tendo o mesmo sido aprocisionado em áreas distantes do sítio, em contextos geológicos primários, que em nada se relacionam com o enquadramento geológico do Monte da Foz 1. A exploração alóctone do sílex revela a importância que teria na economia do grupo. Desta forma, observa-se, no sílex, um talhe mais cuidado, intensivo, que visaria ao aproveitamento quase integral desta matéria-prima, recorrendo, em alguns casos, ao pré-tratamento térmico.

Quanto à funcionalidade dos utensílios conformados (geométricos, peças retocadas e com traços de utilização), os mesmos remetem para “elementos de foice” e armaduras, relacionando-se com práticas produtivas e cinegéticas. A sua fraca percentagem no total do conjunto parece relacionar-se com uma ocupação efémera e temporária. Se a isto se juntar a fraca representação de elementos de moagem e utensílios com gume em pedra polida, é de crer que o grupo que habitou no Monte da Foz 1, embora conhecedores e portadores dos elementos da cultura material que indicem uma nova tendência produtiva e de domesticação da paisagem, não teria o objectivo de implantar uma ocupação de forte tendência “sedentária” e permanente.

Com a caracterização artefactual, neste caso concreto a indústria da pedra lascada, inicia-se o estudo integral de uma ocupação levada a cabo num ambiente geomorfológico muito específico e num espaço crono-cultural (Neolítico Antigo evolucionado / finais do V milénio AC - 1.^a metade

do IV milénio AC) que ainda carece de uma base empírica mais sólida e passível de ser confrontada cientificamente.

A este texto, que detém uma orientação marcadamente descritiva, terá que se acrescentar um conjunto de questões/leituras que estes dados ajudam a elaborar. Em que medida este conjunto espelha o subsistema económico praticado pelos grupos que ocuparam o Monte da Foz 1? Que elementos da indústria lítica sustentam as propostas elaboradas para o tipo de estratégia e funcionalidade da ocupação deste habitat? Correspondem a impulsos meramente económicos, ou enquadram-se na evolução de comportamentos sociais e simbólicos que começam a ser mais efectivos nesta fase do processo de neolitização?

Este texto corresponde a uma das várias etapas de um estudo que não se poderá dissociar da restante componente artefactual produzida na ocupação do Monte da Foz 1, nem de toda uma ocupação humana neolítica, desenvolvida na margem esquerda do Baixo Tejo, que está, ainda, longe de ser interpretada e integralmente conhecida.

Lisboa, Janeiro de 2012

NOTAS

* Arqueólogo; c.augustoneves@gmail.com

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

¹ Foi apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa uma dissertação de Mestrado que engloba o estudo integral dos dados arqueológicos provenientes da ocupação do Neolítico

antigo do Monte da Foz 1. No entanto, este artigo visa, somente, a apresentação dos dados resultantes da análise da indústria de pedra lascada.

² No Quadro 1, estes elementos, em sílex, estão inseridos no campo das “Peças corticais”.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ARMBRUESTER, Tanya (2006) - Before the monument? Ceramics with a line below the rim (A preliminary report from Vale Rodrigo 3, Évora). In *Simbolismo, arte e espaços sagrados na Pré-História da Península Ibérica: actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 53–67.
- CARVALHO, António Faustino de (1998a) - Abrigo da Pena d'Água (Rexaldia, Torres Novas): resultados das campanhas de sondagem (1992–1997). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, pp. 39–72.
- CARVALHO, António Faustino de (1998b) - *Talhe da pedra no Neolítico antigo do Maciço Calcário das Serras d' Aire e Candeeiros (Estremadura Portuguesa). Um primeiro modelo tecnológico e tipológico*. Lisboa: Colibri.
- CARVALHO, António Faustino de (2008) - O talhe da pedra na Pré-História recente de Portugal: 1. Sugestões teóricas e metodológicas para o seu estudo. *Praxis Archaeologica*. Porto. 3, pp. 167–181. [Consult. 14 Jun. 2009]. Disponível em [www:\(http://praxisarchaeologica.org/PT/003_pt.php\)](http://praxisarchaeologica.org/PT/003_pt.php).
- CARVALHO, António Faustino de; ZILHÃO, João (1994) - O povoado neolítico do Laranjal de Cabeço das Pias (Vale da Serra, Torres Novas). In *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 53–67.
- DINIZ, Mariana (2007) - *O sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- FERREIRA, Ângela (2005) - *O sítio do Patalim (Montemor-o-Novo) no seu contexto neolítico*. Dissertação de Mestrado em Pré-história e Arqueologia. Lisboa, FLUL. Policopiado.
- GONÇALVES, Victor S. (1989) - *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental, uma aproximação integrada*. Lisboa: INIC/UNIARQ. (2 volumes).
- MURALHA, João; COSTA, Cláudia (2006) - A ocupação neolítica da Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz, Lisboa). In *Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 157–170.
- NEVES, César (2010) - *Monte da Foz 1 (Benavente): um episódio da neolitização na margem esquerda do Baixo Tejo*. Dissertação de Mestrado em Pré-história e Arqueologia. Lisboa, FLUL. Policopiado.
- SILVA, Carlos Tavares da (1989) - Novos dados sobre o Neolítico Antigo do Sul de Portugal. *Arqueologia*. Porto. 20, pp. 24–31.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1981) - *Pré-história da área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (2004) - Intervenção arqueológica no sítio neolítico do Brejo Redondo (Sines). *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*. Setúbal. 1, pp. 83–105.

- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; CARDOSO, João Luís, CRUZ, C. S., REIS, Carlos A. Sousa (1989) - Neolítico da Comporta: aspectos cronológicos (Datas 14c) e paleoambientais. In JORGE, Vitor Oliveira, ed. - *Livro de Homenagem a Jean Roche*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, pp. 330-353.
- SOUSA, Fernanda (1999) - *Introdução ao desenho arqueológico*. Almada: Núcleo de Arqueologia e História.
- TIXIER, Jacques; INIZAN, Marie-Louise; ROCHE, Hélène (1980) - *Pré-histoire de la pierre taillée: terminologie et technologie*. 2.ª éd. Paris: Cercle de Recherches et d'Études Pré-Historiques.
- VALERA, António Carlos (2006) - O Neolítico da desembocadura do Paleo Estuário do Tejo: dados preliminares do Palácio dos Lumiares (Bairro Alto, Lisboa). *Era Arqueologia*. Dafundo. 7, pp. 86-108.
- ZILHÃO, João (1997) - *O Paleolítico Superior na Estremadura portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri. (2 volumes).
- ZILHÃO, João; CARVALHO, António Faustino de (1996) - O Neolítico do Maciço Calcário Estremenho: crono-estratigrafia e povoamento. In *Actes del I Congreso del Neolítico a la Península Ibérica. Rubricatum*. Gavà: Museu de Gavà, I, pp. 659-671.